

Um sonho de Pedro Amaral musicado a filigrana

CRÍTICA Ópera 'O Sonho' teve segunda récita absoluta (e estreia nacional) no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian

Uma semana depois da londrina estreia absoluta, Lisboa viu *O Sonho*, de Pedro Amaral (n. 1972). Ópera em um acto e oito partes que toma por libreto fragmentos deixados por Pessoa para um drama sobre Salomé, *O Sonho* teve interpretação dos sopranos Carla Caramujo, Sara Braga Simões e Ângela Alves (Salomé e aias) e dos barítonos Jorge Vaz de Carvalho (Pessoa/Herodes), Mário Redondo (Capitão) e Armando Possante (Escravo). Tocou a London Sinfonietta (três flautas, quatro trompas, cinco violoncelos, contrabaixo, harpa e três percussionistas), dirigida pelo próprio compositor.

A encenação de Fernanda Lapa, assente em fortes contrastes cromáticos e superfícies lisas, despojada na cenografia e depurada nos movimentos, tinha no ecrã em fundo, onde as legendas apareciam como se escritas à máquina por Pessoa, um pequeno "achado cénico" (mas houve falhas de visualização). De resto, fica-nos a sensação de uma encenação com algum pudor ou temor em inter-

pretar realmente a obra, ao passo que géstica e movimentos – pausados, hieráticos ou de estilizada brusquidão – nos pareceram amiúde mais afins da dança que duma concepção teatral-musical. A partitura de Amaral (que evidencia linguagem já bem pessoal) faz contrastar um trabalho contrapontístico, tímbrico e textural de fervilhante e filigrânico rendilhado (tecido fino) para as cenas de Salomé e Aias com as "fibras esticadas" (tecido grosso) num tear imaginário que servem as aparições de Herodes. Problemático é lidar com uma obra cujo único momento potencial de drama é a cena de Salomé com o Capitão e cuja metade inicial é quase inteiramente um "pairante" monólogo a três – e aí, porque acontece tanto na música se (quase) nada sucede em palco? Daí que se instale uma estável sensação de acordo na ligação Herodes-música, incluindo no *Largo desolato* (Salomé/Herodes), quiçá o melhor momento da obra. Os longos trechos dos três sopranos acusam *à la longueur* tratamento algo repetitivo. Em geral, gostámos muito da música para os interlúdios. A London Sinfonietta é o "bólide" certo para este tipo de pista e acusou apenas ligeiras e ocasionais imperfeições.

BERNARDO MARIANO



Salomé e as aias numa cena da ópera 'O Sonho'